

THEODOR KOCH-GRÜNBERG

Há cem anos, o etnólogo alemão tornou-se um dos pioneiros nos estudos científicos e registros audiovisuais na tríplice fronteira norte

PÁGS. 06 e 07

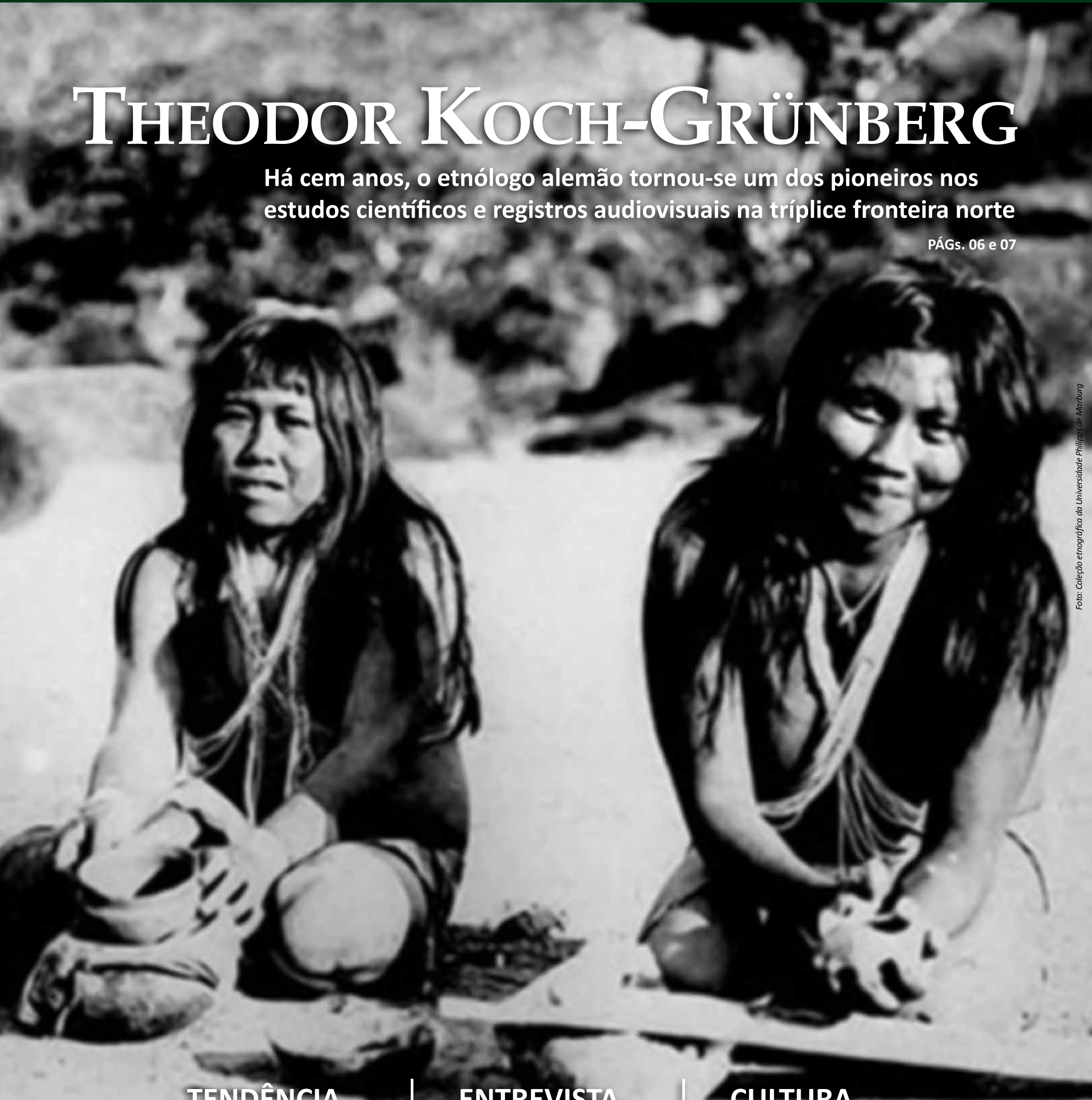


Foto: Coleção etnográfica da Universidade Philipps de Marburg

TENDÊNCIA

Pesquisador europeu
fala sobre novas mídias
e educação

PÁG. 03

ENTREVISTA

Secretário da SESu fala
dos caminhos do novo
governo para educação

PÁG. 08

CULTURA

Blues Etílicos abre
semestre letivo na
UFRR

PÁG. 12

O fazer cultural na UFRR

ROBERTO RAMOS | REITOR DA UFRR

A presença de uma instituição de ensino em qualquer lugar do mundo deve sempre contribuir para que haja o reconhecimento do homem como sujeito de direitos, seja pelo progresso do pensamento, seja pelo respeito à diversidade. Por isso, estamos trabalhando para promover em Roraima, a cultura como expressão de pensamento, integração e pluralidade.

Em 2010, começamos a oferecer no vestibular o primeiro curso roraimense de licenciatura em Artes Visuais, vinculado ao Centro de Comunicação, Letras e Artes (CCLA), que foi um passo importante para promover no Estado o avanço da cultura. O mesmo aconteceu quando criamos, em 2005, o curso de Arquitetura e Urbanismo e o Pólo Arte na Escola, em 2004, pela extensão.

A admissão de novos técnicos para o Departamento de Cultura e a concessão de bolsas para estudantes da UFRR foram outras contribuições positivas que já têm rendido frutos com o surgimento e as apresentações do coral MusiCampus e da banda de pop rock Paricarana. Estamos, este ano, implantando a bolsa teatro, que

é um incentivo ao surgimento de grupos teatrais na universidade.

Com os espaços físicos do Centro Amazônico de Fronteira (CAF) teremos em breve a oportunidade de sediar exposições de arte e assistir a filmes na nova sala de cinema. O prédio da União Operária, cedido à instituição em 2009 e que passa por reformas, servirá para abrigar projetos culturais com a participação dos acadêmicos e da sociedade.

Exposições de artistas plásticos locais, como a de Marcelo Tito, e de escultores de países vizinhos, como os da República Cooperativa da Guayana, fortaleceram a ideia de que nós devemos procurar integrar mais ainda nossa arte à da Amazônia caribenha como forma de identidade coletiva.

Na música, a UFRR vem se colocando aos poucos como produtora de espetáculos alternativos e gratuitos, colecionando momentos ímpares. Vale citar os shows inéditos, em Roraima, da trupe paulista O Teatro Mágico; do grupo baiano Ilê Ayê com seu estilo dançante e percussivo; e da banda Blues Etlícos, a principal banda de blues do Brasil. E não podemos esquecer do espetáculo memorável Vozes da Amazônia, reunindo artistas da região Norte, entre

eles Nilson Chaves (PA) e o poeta Eliakim Rufino (RR).

E no campo poético, foi com muita satisfação que assistimos, no último dia 13 de maio, ao lançamento pela Editora da UFRR (EdUFRR) do livro de poemas dos professores e alunos do Colégio de Aplicação da UFRR. Quem esteve no evento assistiu a um belo espetáculo de música e poesia que marcou o 16º aniversário da escola.

É por tudo isso que queremos com a ajuda de todos realizar cada vez mais eventos culturais, continuar cumprindo a missão de promover o crescimento do estado de Roraima e da nossa universidade.



ÚLTIMAS DA UFRR

12º Simpósio de Geologia da Amazônia

A UFRR, em parceria com a Sociedade Brasileira de Geologia/Núcleo Norte, realizará de 02 a 05 de outubro de 2011 o 12º Simpósio de Geologia da Amazônia, que reúne profissionais dos mais diversos segmentos. O tema do evento será 'A Pesquisa e o Conhecimento Geológico da Amazônia Transpondo Fronteiras'. Um dos objetivos é que ele sirva de palco para discussões de natureza política, social e econômica pertinentes às geociências e integre os geocientistas da Pan-Amazônia. Saiba mais em www.ufrr.br/12sga

FOPROP

A UFRR sediou de 09 a 11 de maio o Fórum Nacional de Pró-Reitores de pesquisa e Pós-Graduação das IEBS Brasileiras / Coordenação da Região Norte (FOPROP). O evento abriu espaço para a troca de idéias

e experiências entre os pró-reitores e discutiu ainda a fixação dos Doutores na região Amazônica, as dificuldades em se manter uma política generalizada nessa região com bons pesquisadores e a expansão do sistema de pós-graduação e do número de profissionais voltados à pesquisa científica na região da Amazônia.

Mais de quinze Pró-reitores estiveram presentes no evento, que encerrou com a elaboração de uma carta que priorizou as questões de maior necessidade nas diferentes universidades participantes. Confira a carta em <http://bit.ly/jxO808>

Programa Amazônia 2020

O representante do Banco Santander nas regiões Norte e Nordeste, Cláudio Tavares, esteve no dia 31 de março, na UFRR, para apresentar o programa Amazônia 2020 ao corpo docente da instituição. Conforme ele,

as nove universidades federais da Região Norte serão contempladas pelo programa. A expectativa é que, até 2020, 26.000 bolsas de estudos (incluindo bolsas de pesquisas aplicadas visando à educação escolar indígena) sejam ofertadas, 100 mil pessoas sejam impactadas, nove espaços digitais sejam implantados, 10 seminários internacionais ocorram, com rodízio entre as instituições de ensino para que todas possam ser contempladas, e haja cinco edições dos Prêmios de Empreendedorismo. Saiba mais em www.santanderuniversidades.com.br



EXPEDIENTE UFRRNOTÍCIAS

MAIO e JUNHO/2011: Coordenação Editorial: Éder Rodrigues - MTb/RR 119/01 JP | ederassessoria@hotmail.com | Editor-Chefe: Willame Sousa MTb/RR 340 | Reportagens: Aline Padilha | Cristina Oliveira MTb/RS 10.131 JP | Éder Rodrigues | Greick Alves | Willame Sousa | Fotografia: Roberto Caleffi | Lanne Prata | Projeto Gráfico: He-frayn Lopes | Diagramação e Edição: Israel Mattos | israelmattosdg@hotmail.com | Mídias Virtuais e Impressas: Deolírio Colares | Revisão: Antônio Benício de Sales | Estagiárias de Jornalismo: Aline Leão | Patrícia Sifuentes | Secretária: Katiane Feitosa | CoordCom Fones: (95) 3621-3106 | (95) 9976-0871 | Home Page: www.ufrr.br | E-mail: coordcom@ufrr.br | CoordCom - Coordenador de Comunicação Social: Éder Rodrigues | Chefe da Divisão de Relações Públicas: Greick Alves | Chefe da Divisão de Atendimento à Imprensa: Aline Padilha | Chefe da Divisão de Fotografia: Roberto Caleffi

Novas tecnologias mudarão a maneira como vemos o ensino, afirma Luiz Moutinho

WILLAME SOUSA

Com visões modernas sobre metodologias de ensino, o professor da Universidade de Glasgow, na Escócia, Luiz Moutinho, que defende, dentre outros pontos, o fim da hierarquia entre professor e aluno, esteve na UFRR para ministrar a Aula Magna 2011.1 sobre as transformações nas formas de ensinar. Em entrevista, Moutinho abordou as mudanças que as novas tecnologias devem trazer ao ensino.

CoordCom - Que desafios as universidades devem enfrentar num futuro que deve ser marcado por mudanças radicais no ensino?

Luiz Moutinho - A mais importante é relacionada ao conhecimento aberto. Cada vez mais, os avanços tecnológicos fazem com que os seres humanos tenham realmente uma voz muito grande e, portanto, tudo que é hierárquico, inclusive o ensino tradicional hierárquico, tende a se modificar. O conhecimento aberto, no qual as pessoas falam e também criam conhecimento, no qual há realmente valor acrescentado com os próprios professores, será uma radical mudança no que é o ensino. As novas tecnologias vão mudar a maneira como nós estamos habituados a ver o ensino, seja o ensino para crianças ou o ensino universitário. Sou completamente favorável ao uso das novas tecnologias na educação.

CoordCom - Qual a principal vantagem que as novas tecnologias trazem para a disseminação do conhecimento?

LM - Dão mais criatividade, mais produção. Hoje, se formulo um conceito, envio aos alunos. Eles podem procurar um computador e ter uma noção daquilo que é este conceito. Acho que as novas tecnologias vão modificar a maneira como as universidades e escolas formam pessoas.

CoordCom - Quanto ao conhecimento aberto, a Europa está à frente em relação ao Brasil. O que é necessário fazer para que o Brasil consiga acompanhar essa evolução conquistada pela Europa?

LM - Não está tão atrás assim. Hoje, no Brasil, há o acesso tecnológico. É um problema mais de mentalidade. Foram anos e anos, décadas, em que o ensino foi visto de uma maneira por professores

brasileiros, assim como pelos portugueses. Portanto, eles têm que se adequar a essa nova filosofia de que realmente não é uma comunicação unidirecional. Não é só uma visão hierárquica do conhecimento. O conhecimento nasce, cresce, molda-se de forma cooperada.

CoordCom - O senhor poderia detalhar um pouco mais a educação 3.0?

LM - Vai haver um conhecimento mais híbrido. Isso não quer dizer que não haja mais profundidade intelectual. Na Educação 3.0, o significado do conhecimento é autoconstruído de forma social. É autoconstruído [de forma] muito ligada a um contexto.

As universidades estarão todas plugadas, vão estar dentro da sociedade. O aprendizado pode ocorrer, contextualmente, numa sociedade em um só dos campi da UFRR, e não nos campi Cauamé, Paricarana e Murupu [como ocorre hoje].

CoordCom - A relação hierárquica entre professor e aluno acabará?

LM - Não vai acabar. Mas tem que acabar. Já está acontecendo. Os alunos não querem aceitar uma educação formal, unidirecional, praticamente híbrida, em que o conhecedor ou a pessoa que detém o poder do conhecimento é o professor. Muitas vezes, em meu caso, eu aprendo com os alunos, com suas descobertas e conquistas. Sou um facilitador. Claro que talvez eu tenha mais conhecimento e experiência, mas aprendo com eles.

CoordCom - O conhecimento aberto é comum na Europa?

LM - Não diria comum. Não é [algo] expressado por todos da sociedade. Mas, já há muitas tentativas e experimentos em relação a isso.

CoordCom - Que mudanças devem ocorrer em relação aos professores para se adequar a esse novo cenário que se forma?

LM - A pessoa tem que mudar a sua perspectiva humana por ela própria. Eu prefiro e é muito mais eficaz a pessoa equacionar, reequacionar e refletir que o mundo está mudando. Até porque eu faço parte desse mundo e, portanto, tenho que mudar.

CoordCom - E o que muda em relação à avaliação do desempenho dos alunos?

LM - Os alunos têm que ser avaliados. Mas vão ter também uma visão deles próprios. Precisamos sair de uma visão puramente hierárquica para uma nova visão, na qual eles próprios se autoavaliem em relação a aquilo que aprendem e desempenham.

CoordCom - Vai haver uma redução de interação entre professor e aluno?

LM - Pelo contrário. A interação e a abertura vão ser muito maiores. O professor vai ter realmente um papel de expressão. Será uma interação completamente diferente.

CoordCom - De que forma a ampliação do conhecimento aberto vai impactar na prestação de serviços educacionais?

LM - Vai mudar à medida que, cada vez mais, estão informatizados em nível de conteúdo de apoio tecnológico. Haverá menos conteúdo, mas muito mais profundidade intelectual, muito mais abertura. O formato dos cursos será diferente, porque vai ser cada vez mais com criação com os alunos, de descoberta. Acho que a transformação será grande. O impacto tecnológico é incrível.

CoordCom - O modelo tradicional está ultrapassado?

LM - Não diria ultrapassado. Em alguns casos tem um papel a desempenhar. Mas tem que ser alterado.



Marilena Chaui fará palestra sobre a sociedade democrática em Roraima

A Universidade Federal de Roraima (UFRR) trará, no dia 21 de junho, a filósofa Marilena Chaui para ministrar a palestra 'Sobre a Sociedade Democrática'. Marilena, que é professora de Filosofia da USP (Universidade de São Paulo), é hoje o principal nome da filosofia brasileira. Essa é a primeira vez que ela vem ao Estado. A explanação, direcionada a professores, acadêmicos e pesquisadores, será realizada no auditório do Bloco Azul do Núcleo de Biotecnologia da UFRR, PRONAT, às 18h30. A entrada é gratuita.

O objetivo da UFRR ao trazer Marilena é o fortalecimento do ensino ao aproximar os acadêmicos de grandes nomes que participam de perto dos principais temas discutidos no país e no mundo na atualidade. "Trazer pessoas de respeito e credibilidade ajuda na reflexão de temas mundialmente discutidos", disse o reitor da UFRR, Roberto Ramos.

Nos últimos anos, a instituição demonstrou a preocupação em promover o debate sobre assuntos diversos, trazendo profissionais de renome nacional para contribuir com o ensino na instituição. Exemplo disso é a vinda do jurista Dalmo Dallari, da geógrafa Bertha Becker, do escritor João de Jesus Paes Loureiro, do jornalista Eugênio Bucci, dentre outros não menos importantes.

Marilena Chaui

Marilena de Souza Chaui, nascida em São Paulo, possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1965), especia-

lização em Licenciatura pela Universidade de São Paulo (1965), mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1967), doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1971) e pós-doutorado pela Bibliothèque Nationale de Paris (1987).

Atualmente, é professora titular da USP. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia. Ela atua principalmente nos seguintes temas: iminência, liberdade, necessidade, servidão, beatitude e paixão. A pesquisadora fala francês, inglês, italiano, alemão, espanhol, latim, grego e hebraico.

A pesquisadora conta com cerca de 150 apresentações de trabalhos em conferência ou palestras no Brasil e no exterior sobre os mais diversos temas.



Professora Doutora Marilena Chaui é um dos maiores nomes do pensamento social brasileiro



LIVROS

A filósofa conta com 27 livros publicados/organizados ou edições, além de inúmeros artigos em diversos periódicos. Dentre os livros da pesquisadora destacam-se, na opinião do professor do Departamento de Antropologia da UFRR, Carlos Cirino, "Introdução à História da Filosofia", "Convite à Filosofia", "Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo" e "Cidadania Cultural".

"A Marilena Chaui publicou um livro de bolso, da Coleção Primeiros Passos, intitulado "O que é ideologia?". É uma coleção com tema para iniciantes muito lida por alunos que ingressam nas universidades. Esse livro é um dos mais lidos e vendidos dessa coleção", explicou ele.

Além disso, Marilena conta com capítulos publicados em pouco mais de 50 livros.

PRÊMIOS E TÍTULOS

Dentre os inúmeros prêmios e títulos recebidos por Marilena, destacam-se o título de Doctor Honoris Causa, Universidad Nacional de Córdoba (Argentina); título de Doctor Honoris Causa, Université de Paris VIII (França); Prêmio Jabuti para o melhor livro brasileiro de humanidades 'A nervura do real', Câmara Brasileira do Livro; Ordem do Mérito, Ministério da Educação e Cultura da República Árabe Síria; Orde des Palmes Académiques, Presidência da República da França; prêmio da melhor livro brasileiro de não-ficção para 'Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas', Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Projeto de mapeamento geológico entre Brasil e Guiana será apresentado no XII Simpósio de Geologia

O trabalho será realizado pelo Serviço Geológico do Brasil em conjunto com o Serviço Geológico da Guiana

Por meio de termo de cooperação técnico entre o governo brasileiro e o governo guianense foi firmado acordo complementar para a implementação dos projetos de Mapeamento Geológico e da Geodiversidade na Fronteira Brasil - Guiana. A UFRR atuará como colaboradora no projeto, pois professores e acadêmicos da área de geologia estarão envolvidos na iniciativa.

O projeto tem o objetivo de contribuir com o desenvolvimento e harmonização do conhecimento geológico e geofísico e identificar ocorrências de recursos minerais na fronteira Brasil-Guiana, além do reconhecimento da geodiversidade da área.

A assinatura do acordo aconteceu em setembro de 2009 durante a inauguração da ponte sobre o rio Itacutu, na fronteira entre os dois países, com a presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Bharrat Jagdeo, presidente da República Cooperativa da Guiana.

Segundo Fábio Wankler, professor do curso de Geologia da UFRR envolvido no projeto, o financiamento será dos dois governos e as atividades têm previsão para iniciar em outubro deste ano, durante o Simpósio de Geologia da Amazônia.

Diferente de outros estudos, esse projeto envolve características geológicas binacionais. A geodiversidade se refere à variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos geradores de paisagens, rochas, minerais, solos, entre outros depósitos superficiais. De acordo com Wankler, um acordo desse nível já foi feito com a Venezuela, mas não foi tão abrangente como o atual entre Brasil e Guiana.

O mapeamento será realizado por meio de visitas técnicas e elaboração de relatórios sobre os resultados obtidos pelas instituições executoras. Esses relatórios serão encaminhados às instituições coordenadoras e/ou serão examinados em encontros a serem previamente acordados.

12º Simpósio da Geologia da Amazônia

O começo da fase operacional do projeto será durante o simpósio que reunirá técnicos de todo o Brasil, além da Guiana, para esquematização do trabalho. Por isso, o tema do simpósio é "A pesquisa e o conhecimento geológico da Amazônia transpondo fronteiras".

O evento é realizado pela Sociedade Brasileira de Geologia - Núcleo Norte, uma das instituições envolvidas no projeto de cooperação técnica, com a organização do

Instituto de Geociências da UFRR. O evento ocorrerá de 02 a 05 de outubro, no campus Paricarana da UFRR.

O simpósio terá diversos minicursos, apresentação de trabalhos, excursões tendo temas como: geoturismo, paleontologia, geoquímica, mineralogia, geomorfologia, entre outros. As inscrições para trabalhos já estão abertas. As taxas de inscrição para participação variam de acordo com associação a entidades geológicas.

Outras informações pelo site www.ufrr.br/~sga ou pelo telefone +55 95 3621 3162.



Professor Wankler é um dos organizadores do evento

Monte Roraima

12º SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DA AMAZÔNIA

A Pesquisa e o Conhecimento Geológico da Amazônia Transpondo Fronteiras

03 a 06 de outubro de 2011 - Boa Vista - Roraima

INSCRIÇÕES DE TRABALHOS ABERTAS

Os índios da fronteira norte pelo olhar

Nascido em Oberhessen, na Alemanha, em nove de abril de 1872, Theodor Koch-Grünberg



Registro fotográfico da dança 'Parishara' entre os Taurepang aos pés do Monte Roraima 1911

ÉDER RODRIGUES

Há 100 anos, o etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg escolheu, em especial, as fronteiras do Brasil, Venezuela e República Cooperativista da Guyana para desenvolver estudos que trariam ao mundo novas visões desta rica região. Grünberg fez quatro visitas ao Brasil, entre 1896 e 1924, e se notabilizou pelos trabalhos escritos sobre os índios dos rios Negro e Branco, pelas coleções etnográficas e pelos registros sonoros, fotográficos e cinematográficos realizados em suas expedições.



Foto: acervo do Ethnologisches Museum Berlin

Theodor Koch-Grünberg: suas observações e relatos de viagem constituem uma importante fonte para a antropologia, a etnologia e a história indígena.

Grünberg produziu grande acervo datado entre os anos de 1911 a 1913, facilitando os estudos da realidade indígena da época e que, até os dias atuais, têm contribuído com a ciência, nas mais diversas áreas.



Erwin Frank (In memoriam): "Grünberg também foi um experiente fotógrafo e um dos pioneiros da cinematografia etnográfica"

O também antropólogo alemão, Erwin Frank (falecido em 2008), foi professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRR. Doutor Frank contribuiu com relevantes estudos baseados na vida e na obra de Grünberg. Em artigo denominado *Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924)*, ele destaca que no Brasil, Grünberg é lembrado, principalmente, pelos seus relatos de viagem, nos quais resumiu os resultados de duas das suas quatro visitas a este país: aquela de 1903 a 1905, que o levou à região do

alto rio Negro e Yapurá, e a terceira, de 1911 a 1913, na região entre as bacias do rio Branco, no atual Roraima, e os rios Caura, Parágua e Venturari, na Venezuela.

"Muitos lembram também que ele foi um incansável colecionador de *etnografia*, milhares dos quais enchem, ainda hoje, as vitrines e reservas técnicas de vários museus alemães e do Museu Goeldi. Por outro lado, poucos sabem que foi também um experiente fotógrafo e um dos pioneiros da cinematografia etnográfica, ou que, na sua expedição de 1911-1913, ele gravou inúmeras peças musicais (canções, danças dos povos Macuxi, Taurepang, Wapishana e Yekuana) em um gramofone trazido da Alemanha", assinalou.

No final das duas principais expedições, Grünberg encaminhou coleções para a Alemanha, compostas por milhares de peças. "Contudo, como o próprio Grünberg esclarece: "(...) para mim, o objetivo principal da minha viagem não era o de um colecionador. Frequentemente demorando-me semanas, até meses em cada tribo, e em cada aldeia, participando intimamente da vida dos indígenas, eu pretendia essencialmente conviver e aprofundar mais a visão das suas concepções, pois o visitante que passa rapidamente pela região de suas pesquisas consegue apenas impressões passageiras e frequentemente falsas" (Koch-Grünberg, 2006b, p. 7), reproduziu Frank em um de seus artigos.

r alemão: 100 anos de Koch-Grünberg

Grünberg foi um dos mais destacados etnólogos e exploradores da América do Sul.

Viagens de Grünberg

Viajou várias vezes pelo Brasil com o apoio de seus colaboradores. A primeira viagem foi em 1896, como membro da expedição liderada por Hermann Meyer, que buscava alcançar a foz do rio Xingu. Entre 1903 e 1905, explorou o rio Japurá e o rio Negro, chegando até a fronteira da Venezuela.

Essa viagem está documentada e ilustrada com inúmeras fotografias nos dois volumes da obra *Wei Jahre Unter Den Indianern. Reisen in Nord West Brasilien, 1903-1905* (Dois anos entre os índios - Viagens no noroeste do Brasil, 1903-1905). A análise das músicas e instrumentos musicais recolhidos eram feitas pelo musicólogo Erich Moritz von Hornbostel (1877-1935) que publicou estudos detalhados do material recolhido no volume 3 de *Vom Roroima zum Orinoco* (De Roraima ao Orinoco). Parte do material sonoro gravado por Grünberg foi publicado em CD com o nome de *Walzenaufnahmen aus Brasilien, 1911-1913* (Gravações em cilindros do Brasil), terceiro CD da série “Documentos sonoros históricos”, do Arquivo Fonográfico de Berlim.

A segunda expedição importante começou em 1911, partindo de Manaus até o rio Branco e de lá para a Venezuela. Em 1913, chegou ao rio Orinoco depois de explorar nesse percurso, a pé e de canoa, várias regiões ainda hoje de difícil acesso. Por este trajeto que percorreu o Planalto das Guianas, há um registro único das sociedades indígenas com que conviveu. Percorreu os rios Caura, Ventuari e Orinoco até San Fernando de Atabapo, na Venezuela, e de lá desceu pelo canal Cassiquiare até o rio Negro e, novamente, a Manaus.



Livro: De Roraima ao Orinoco

Ao voltar a Manaus, escreveu seu livro mais importante, *Vom Roraima Zum Orinoco*, publicado em 1917. As pesquisas entre os índios Macuxi, Wapixana, Taurepang e Ingarikó, na região da hoje reserva indígena Raposa Serra do Sol, teve longo alcance científico, revelando campos ainda novos a serem pesquisados. Além destes destaca-se também os Pemón (Taurepang) da Venezuela.

Pioneirismo

O primeiro filme gravado sobre índios brasileiros foi feito em 1911, por Koch-Grünberg, na aldeia Taurepang Koimélemong (Rio Surumu), juntamente com H. Schmidt. O produto foi o filme *Aus dem Leben der Taulipang in Guyana* (Da vida dos Taurepang na Guiana), em cujos quase nove minutos são observados o preparo do milho e da mandioca, a tecelagem do algodão, brincadeiras e o ritual *Parisherá*.



Professor Carlos Cirino, NUHSA/UFRR: Grünberg é leitura obrigatória nas Ciências Sociais

O professor doutor do departamento de Antropologia e Coordenador do Núcleo Histórico Socioambiental da UFRR (NUHSA), Carlos Cirino, explica que a principal contribuição de Koch-Grünberg para a Ciência foi o legado deixado para conhecimento da região amazônica e, principalmente, para a região do rio Branco (estado de Roraima), sobretudo no campo da etnografia. Ele diz que a contribuição dos alemães para a antropologia brasileira vem sendo estudada e tem sido tema de debate em vários encontros de antropólogos no Brasil, nos quais Grünberg é colocado entre os mais importantes.

“Os trabalhos de Koch-Grünberg têm sido, nos últimos anos, uma leitura obrigatória para os alunos de Ciências Sociais, principalmente de Antropologia e História. Hoje, todos os pesquisadores que se voltam para o estudo dos grupos indígenas de Roraima tomam como leitura básica a obra de Koch-Grünberg”, reforça Cirino, que defende a ideia de que as obras sejam direcionadas também às escolas de ensino médio de Roraima.



Homenagem póstuma ao pesquisador alemão, registrada pelas lentes da expedição de Marechal Rondon

A última viagem de Koch-Grünberg ao Brasil foi em 1924, juntamente com o médico, geógrafo e explorador Hamilton Rice, com o cinegrafista brasileiro Silvino Santos e o fotógrafo Georg Hübner. Grünberg faleceu aos 52 anos no Brasil, na região do vale do rio Branco, no dia 8 de outubro de 1924 (vila de Vista Alegre, no município de Boa Vista), após haver contraído malária em uma de suas expedições.

NUHSA: Conhecimento compartilhado com estudantes da capital e interior

O Núcleo Socioambiental da UFRR (NUHSA) promoveu, em abril, a palestra “Música e Mito: Koch-Grünberg e os povos indígenas de Roraima”, com o pesquisador Pablo de Castro, doutorando em Ciências Culturais/Etnomusicologia pela Eberhard-Karls Universität Tübingen, na Alemanha.

O professor Carlos Cirino explica que o pesquisador vem estudando a música indígena a partir dos trabalhos deixados pelo etnógrafo alemão. A palestra e o material filmado por Grünberg no início do século passado, assim como fotos de material etnográfico retirado de acervos de museus na Alemanha, foram levados e apresentados aos alunos do ensino médio e fundamental da escola indígena da Comunidade da Malacacheta, no município do Cantá.

Homenagem - Durante a III Reunião Equatorial de Antropologia (REA), que acontecerá no período de 14 a 17 de agosto deste ano na UFRR, será realizada importante mostra de fotografias sobre os 100 anos da passagem de Grünberg na região. A coordenação é feita pelos professores Carlos Cirino e Maurício Zouein, do Departamento de Comunicação Social. Dentro da programação do evento, serão realizadas duas mesas redondas para debater a obra do etnógrafo. São elas: “Etnologia de Língua Alemã e seu Papel Histórico para o Estudo das Culturas Indígenas na Amazônia: uma Avaliação com Base em Pesquisas Recentes”, coordenada pelo Professor doutor Peter Schröder, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e “Convívio nos Contatos Internos e Conflitos nos Contatos Externos entre os Povos Indígenas e a Sociedade Inclusiva no Nordeste de Roraima”, coordenada pelo professor doutor Orlando Sampaio, da Universidade Federal do Pará (UFPA).



Para saber mais:

Do Roraima ao Orinoco, Vol. I, São Paulo, Unesp, 2006. Tradução para o português do primeiro volume, que descreve a viagem pelo rio Branco até Roraima, o Uraricuera, o Ventuari e o Orinoco. Há uma edição da obra completa, em espanhol.

“Mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuná”, *Revista do Museu Paulista*, N.S. VII, São Paulo, 1953, pp. 9-202. Tradução para o português do segundo volume, que traz os mitos e lendas dos grupos de Roraima.

Blog Criança do Futuro : Waköpińska Karipuna! Koch-Grünberg nas trilhas de Makunaíma.

FRANK, Erwin H. “Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX”. *Revista de Antropologia*. Vol. 48 no.2. São Paulo Julho/Dezembro/2005.

FRANK, Erwin H. “Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924)”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. [online]. 2010, vol.5, n.1, pp. 153-171

FULLGRAF, Frederico. Fitzcarraldo e o efeito Koch-Grünberg. In www.cronopios.com.br, 23 de maio de 2007.

GALUCIO, Ana Vilacy. “Theodor Koch-Grünberg: documentando culturas indígenas no início do século XX”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. [online]. 2010, vol.4, n.3, pp. 553-556

Não deixaremos universidades com dificuldades para cumprir compromissos, diz titular da SESu

CRISTINA OLIVEIRA

Em visita à UFRR para o III Fórum de Reitores da Região Norte, em março deste ano, o titular da SESu (Secretaria de Educação Superior), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), professor Luiz Cláudio Costa, ex-reitor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), aponta os caminhos do novo governo na área do Ensino Superior e trata dos cortes orçamentários anunciados pelo Governo Federal que também afetarão a área da Educação.

COORDCOM - Quais os desafios do novo governo, especificamente na área do Ensino Superior?

Luiz Cláudio Costa – A presidenta Dilma [Rousseff] tem um compromisso total com a educação e um entendimento pleno da importância da educação para o desenvolvimento sócioeconômico do país. A presidenta tem uma visão sistêmica da educação brasileira e, no Ensino Superior, ela reafirma seu compromisso com a expansão e a interiorização de um ensino de qualidade e cada vez mais referenciado e justo. Ela também reafirma seu compromisso com todas as obras em andamento e com cada acordo que foi feito anteriormente.

O momento é muito bom e eu tenho dito aos colegas reitores que, talvez, nunca tenhamos vivido um momento como esse. Questões circunstanciais e necessárias que estão sendo feitas, de ajuste, serão passageiras. Inclusive, ela está empenhada para que isso não afete a educação. É um momento em que estamos pensando estrategicamente a Educação Superior. Estamos trabalhando em projetos estratégicos para uma expansão norteada em necessidades, conversando com o Ministério do Desenvolvimento e o Ministério da Ciência e Tecnologia para que possamos apontar algumas necessidades desse país. Queria reiterar para a comunidade universitária, principalmente aqui na Região Norte, o compromisso da presidenta Dilma e do ministro Fernando Haddad com a educação e o Ensino Superior brasileiros.

COORDCOM - E o corte de 10% no orçamento de custeio previsto para cada IFEs?

LC – Estamos nos organizando. O que temos dito, e já tivemos reuniões com o ministro Haddad, nas quais ele também reitera isso, é que estamos pedindo aos reitores e à comunidade universitária para não pisar no freio, mas também não pisar no acelerador. É um ano em que não vamos partir para coisas novas, mas tudo o que está acordado, todas as obras, todos os compromissos, repito, com o jovem brasileiro que está nas universidades será cumprido. O compromisso com os professores e servidores também será cumprido. Temos que colocar esse ajuste no tamanho que ele é, para que ele não se amplie. O que nós pedimos é que, no momento, se precisa fazer ajustes de custeio. Não se falou nada em capital, todas as obras devem e precisam continuar. Em custeio está havendo uma necessidade de ajuste e pedimos isso num diálogo com os reitores, evidentemente sem nenhum sacrifício, porque não vamos deixar nenhuma universidade com dificuldades para cumprir seus compromissos no final do ano. O que foi pedido é que se é possível nós nos organizarmos e verificarmos se o sistema pode, mesmo na atual situação, contribuir com 10% desse corte em custeio. Mas isso tudo

[foi] conversado, dialogado, observando questões específicas porque é um ano de ajuste fiscal.

É preciso que se coloque o ajuste na dimensão que ele realmente é. Não há motivo para nenhuma preocupação ou inquietação. Há motivo, sim, para entendermos que é preciso um ajuste e que é um momento para verificarmos onde podemos ser mais eficientes, até porque o sistema está em expansão, está crescendo, e as universidades estão sendo muito parceiras nisso. Fizemos agora uma medida provisória que permite a contratação de professor substituto, mas, ao mesmo tempo, estamos construindo o projeto de lei para termos professores efetivos. Então, tudo isso caminha para que a nossa universidade continue avançando.

COORDCOM - Em virtude da MP 525, que autoriza a contratação de professores substitutos, quando haverá concurso público para professores efetivos, já que algumas entidades manifestam contrariedade em relação à contratação de substitutos para as IFEs?

LC – A crítica é importante, nos norteia e a universidade é um local de discussão, mas é preciso contextualizar: 40% dos professores em atividade nas universidades hoje foram contratados nos últimos anos. Contratamos 28 mil docentes efetivos que estão dentro de sala de aula, são jovens competentes e brilhantes que estão aí, num compromisso com a expansão do Ensino Superior. São docentes contratados após 2007-2008, ou seja, esse compromisso continua.

Apesar de haver uma grande coerência entre um governo e outro em todas as áreas, houve uma dificuldade para a autorização de cargos. Então, se fez uma medida provisória que vai nos beneficiar até em futuros projetos de expansão. É uma lei que não tem nenhum outro compromisso a não ser o de dar certas agilidades. Ao mesmo tempo, estamos construindo um projeto de lei, em planejamento com o MEC, para ser encaminhado ao Congresso Nacional especificando as vagas que necessitamos. Estamos trabalhando já com autorização da presidenta Dilma para que isso seja feito. É preciso colocar as coisas do tamanho que elas são para evitar discursos equivocados. O compromisso é completo tanto nos atos passados como agora.

COORDCOM - Há algum levantamento da SESu em relação ao déficit de professores no Ensino Superior brasileiro?

LC - Nós temos duas correções a fazer. Temos um certo número de vagas que estamos pleiteando e conversando com o Ministério do Planejamento para corrigir nosso banco de professores equivalentes. Isso não tem impacto financeiro, é apenas para corrigir o banco de equivalentes de cada instituição. O outro é o compromisso que temos com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI, ou seja, são as vagas desse ano e as de 2012. É isso o que está sendo colocado no projeto de lei.

COORDCOM - A Andifes afirma que a necessidade hoje seria de 5 mil professores nas IFEs.

LC - É um número muito próximo a esse. O próprio número de vagas lançado na MP 525 é um indicativo, são professores que serão substituídos futuramente por docentes efetivos e mais algumas outras vagas que temos para universidades novas e cursos que iniciarão no segundo semestre deste ano.

COORDCOM - Como a SESu pode con-

tribuir para a fixação e permanência dos docentes na Região Norte?

LC - Devemos aumentar o parque científico da pós-graduação, com programas de apoio aos pesquisadores, efetivamente para a Região Norte, para que possamos fixar aquele jovem que tem legitimamente o sonho de pesquisar, de ter um bom laboratório, de orientar e de publicar. Se não damos esse apoio, obviamente sempre ficaremos com essa assimetria.

COORDCOM - A Região Norte vive uma situação peculiar, na qual o professor, o pesquisador, precisa viajar constantemente para apresentar o resultado de suas pesquisas em congressos. O corte no orçamento vai afetar o custeio com diárias e passagens?

LC - A diária e a passagem são atividades finalísticas. A universidade precisa fazer isso. No Ensino Superior, diária não é uma atividade meio, é uma atividade finalística para o ensino, a pesquisa e a extensão. Fizemos ao Ministério do Planejamento um ofício solicitando a excepcionalidade das universidades [o pedido foi atendido]. Cada centavo gasto em uma universidade, cada centavo gasto numa diária tem que ficar muito claro, muito

público, e isso vem sendo feito pelas nossas universidades. Mas é preciso manter a autonomia.

COORDCOM - Em relação ao REUNI, então, todos os compromissos serão mantidos?

LC - É compromisso da presidenta Dilma, compromisso do ministro Haddad e compromisso da SESu. Portanto, tudo aquilo que foi acordado e assinado, cada ponto debatido pelas comunidades universitárias e levado ao MEC será cumprido fielmente. Inclusive, a expansão do Ensino Superior acabou se tornando maior do que o previsto anteriormente, o que é muito bom para o Brasil porque mais brasileiros e brasileiras poderão ingressar nas universidades, com as instituições chegando em mais regiões, mais cidades. Como eu já disse, são governos diferentes, mas com grande coerência de ação, até porque a sociedade brasileira decidiu assim. O REUNI é um programa de grande sucesso, as vagas nas universidades dobraram e as universidades estão mais eficientes.



O Fórum de Reitores da Região Norte ocorreu no prédio da Reitoria da UFRR

Reitores refletem sobre principais desafios das universidades federais do Norte

Avanços e desafios nas Instituições de Ensino Superior da Região Norte são discutidos no III Fórum de Reitores

WILLAME SOUSA

A UFRR sediou o III Fórum de Reitores das Instituições Federais de Ensino Superior da Região Norte em março. O tema foi 'Expansão das Instituições de Ensino Superior da Região Norte: Avanços e Desafios'. Por isso, o UFRR Notícias fez três perguntas-chave aos representantes das entidades. "Quais os principais

problemas das universidades federais da Região Norte?", "Quais as principais necessidades relacionadas à expansão física e de produção de conhecimento?" e "Como avalia a expansão de sua universidade nos últimos anos?" foram os questionamentos. Confira as respostas.



Roberto Ramos, reitor da Universidade Federal de Roraima

Vejo que estamos caminhando bem, crescendo não só em infraestrutura, mas também em pós-graduação e em número de cursos e alunos. A UFRR tem se fortalecido, com maior presença regional e, porque não dizer, nacional. Podemos sentir uma presença nos países fronteiriços, sobretudo na Guiana, e também no Suriname, que não faz fronteira conosco, mas tem se aproximado da UFRR. Precisamos superar problemas como a falta de professores para atender os cursos existentes e para a promoção da expansão quanto a cursos que ainda não existem na maioria dos estados da região e, conseqüentemente, a falta de técnicos administrativos, além do que a gente tem colocado como custo amazônico, que são as despesas elevadas para a manutenção de nossas instituições, passagens aéreas muito caras, dentre outros. Precisamos de uma política ministerial clara e investimentos na Amazônia que atendessem a educação. A Amazônia é estratégica e todas as instituições de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas, devem ser vistas como estratégicas para o Governo. Deveriam merecer um investimento efetivo para desenvolver suas ações. Creio que o maior desafio seria conseguir que o poder público colocasse recursos suficientes para atender as universidades da nossa região.

Temos problemas comuns que afetam todo o sistema, que é a falta de fixação de doutores e a formação desses profissionais na Região Norte. É preciso reverter isso de forma conjunta entre nossas universidades, MEC [Ministério da Educação], Ministério da Ciência e Tecnologia e outras instituições que estão mais consolidadas. Nossas instituições têm carência de docentes e técnicos. Temos que lutar por espaço físico para acomodar os nossos docentes, grupos de pesquisa e parte administrativa. Para termos um melhor resultado, precisamos em todas as áreas do conhecimento ter uma política de Estado de fixação de doutores em nossa região. É preciso que o estado brasileiro reverta esta situação com relação aos investimentos quanto à pesquisa e pós-graduação na região amazônica.

Nossa expansão anterior ao Reuni [Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] se fez de forma muito particular por conta do esforço da comunidade. Havíamos construído, nesses 26 anos da Unir, seis campi pelo interior sem apoio do Governo Federal. Foram construídos com recursos da comunidade. Com o Reuni, melhorou bastante. Implantamos mais um campus e melhoramos a infraestrutura dos já existentes. Esperamos que a partir de agora a presidenta Dilma Rousseff dê continuidade a esses investimentos, que são necessários nessas universidades.



José Amaral, reitor da Universidade Federal de Rondônia



José Carvalho, reitor da Universidade Federal do Amapá

O principal problema é a adequação do nosso projeto de expansão com a realidade das nossas universidades. Falo principalmente da adequação do número de professores para o número de estudantes que estão ingressando nas nossas universidades. Esse é o ponto crucial. Precisamos atrair novos doutores para a região amazônica. Para atrairmos, tem que haver um projeto específico para a Amazônia. Falo isso porque os editais são vinculados ao número de doutores que a universidade tem. Então, se há muitos doutores, com certeza aumentam as chances de conseguirmos projetos de infraestrutura e outros. A expansão da Unifap foi boa, principalmente quando avaliamos a questão da implantação do Reuni. Entretanto, sem o Reuni, fizemos uma expansão por conta própria, pela própria necessidade que havia no Estado em relação à universidade cumprir seu papel perante a sociedade amapaense.

Temos grandes dificuldades na questão de consolidação, principalmente dos campi do interior. Temos conversado com o Ministério da Educação, pois precisamos ter tratamento diferenciado para essas universidades. Se não houver este tratamento, fica muito difícil fixarmos esses professores nos interiores de cada estado. Além disso, há a questão de pessoal.

Para a ampliação de infraestrutura teria que ter um projeto de lei específico para contemplar as universidades federais do Norte. Quanto à pesquisa, há a necessidade urgente de se fortalecer a pós-graduação, porque é a principal forma de melhorarmos a realização de pesquisas científicas nas instituições. Para isto, há a necessidade de professores doutores, com alta produção.

Creio que o governo passado tenha sido um dos que mais investiu nas universidades federais.

Quanto às nossas universidades menores, não nos conformamos com o aumento de 20% apenas em nosso orçamento para ampliação. Então, brigamos e conseguimos que as universidades menores tivessem uma ampliação no seu orçamento em 48%, o que favoreceu a nossa expansão nos interiores.



Suelo Numazawa, reitor da Universidade Federal Rural da Amazônia



Carlos Maneschy, reitor da Universidade Federal do Pará

O primeiro problema é quanto à baixa densidade de professores doutores na região. Outro desafio importante é a dificuldade que temos de atração e fixação de doutores. Há que se ter do Governo Federal um olhar diferenciado nesse sentido de permitir condições adequadas e diferenciadas para que as pessoas possam não apenas vir para cá, mas, se fixar. E o terceiro é a carência de técnicos administrativos. Nossas reivindicações relacionadas à infraestrutura têm sido atendidas dentro do programa Reuni. Mas, precisamos de novos investimentos. Para que façamos com que a pesquisa seja um ponto distinto e singular na região amazônica, precisamos investir na consolidação dos nossos programas de pesquisa e pós-graduação. Para isso, precisamos de investimentos em recursos humanos, formação de pessoal e apoio a projetos estratégicos de pesquisas.

Em nossa universidade, tivemos um avanço significativo. Ela se expandiu em todas as linhas, abrindo mais cursos de graduação, especialmente para o interior do Estado. Abrimos vários programas de mestrado e doutorado. Estou convencido e otimista em relação ao futuro.

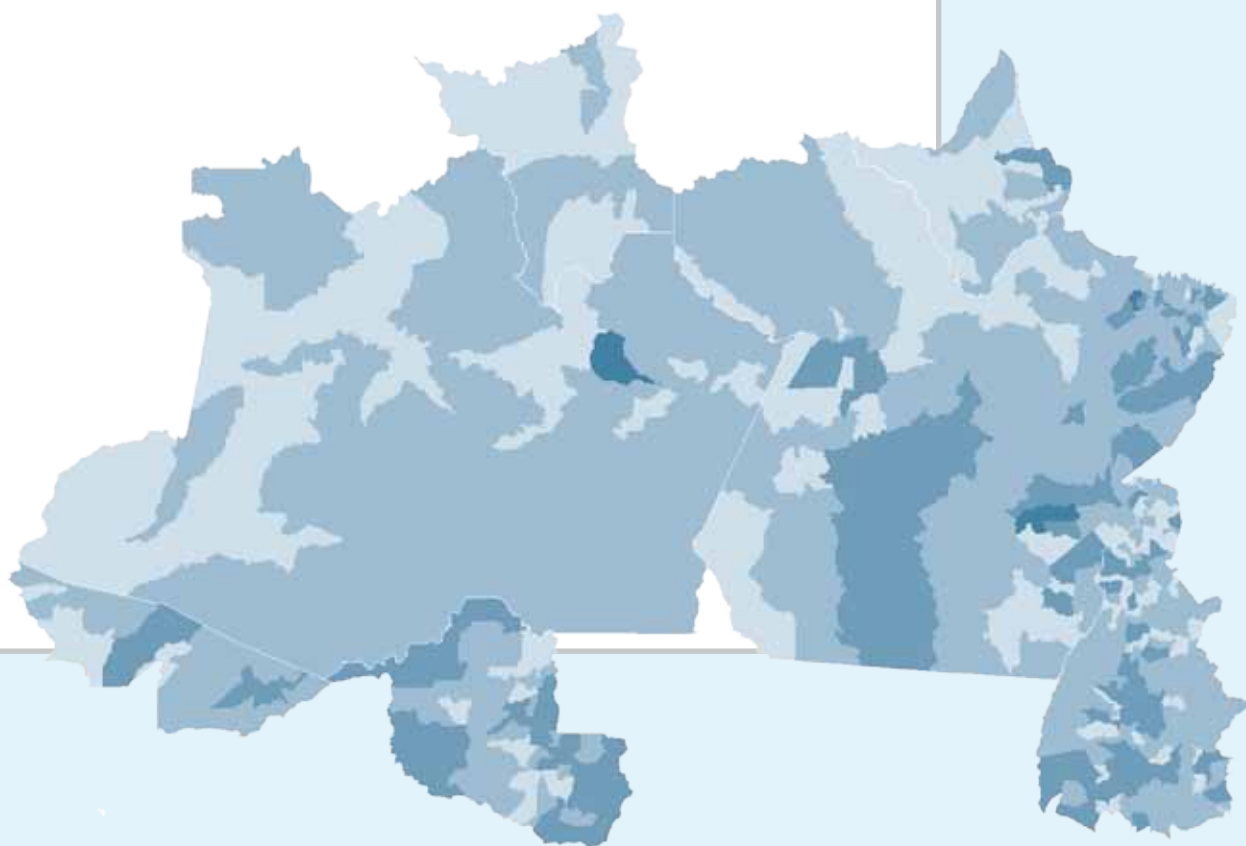
Temos um problema de assimetria quando se compara o Norte com as demais regiões do Brasil, porque temos um potencial imenso e uma territorialidade complexa, na questão da distância. Precisamos melhorar a estrutura física e a fixação de profissionais nessas regiões. Há uma necessidade de uma política de investimento real, compreendendo a complexidade da Amazônia de modo geral.

Estamos na região do Brasil que é a mais importante quando pensamos o Brasil de daqui a 15, 20 ou 50 anos. Nenhuma outra região do país tem a potencialidade que temos. Precisamos de projetos efetivos e duradouros, que venham como programas de Estado, não como programas de governo apenas, para que possamos ter estrutura adequada, formação de pessoal e condições de pesquisa de ensino e extensão.

A expansão da UFTO é um desafio a ser concretizado. Investimos e fomos bastante felizes nas escolhas que fizemos em nossa universidade. Mas precisamos de uma ação concreta e permanente para que essas ações não apresentem problemas em sua continuidade e que possam, através da consolidação delas, abrir portas para outras ações mais efetivas.



José Cavalcante, vice-reitor da Universidade Federal de Tocantins



Show da Banda Blues Etílicos abre semestre letivo na UFRR

Em um show inédito em Roraima, a banda Blues Etílicos lotou o Parlatório da Universidade Federal de Roraima (UFRR), no dia 31 de março



Com canções em inglês e português, o grupo, que apresentou o show de lançamento de seu primeiro DVD, animou o público por cerca de duas horas no evento que abriu o ano letivo de 2011 da instituição.

A Blues Etílicos é formada pelo vocalista norteamericano Greg Wilson, que confere autenticidade e sotaque correto às canções em inglês. Os solistas de gaita e guitarra, Flávio Guimarães e Otávio Rocha, que se destacam nos solos, acompanhados pela cozinha coesa e cheia de swing de Pedro Strasser, na bateria, e Cláudio Bedran, no baixo, também compõem o grupo.

Na platéia, alunos, professores e técnicos da UFRR e a comunidade em geral puderam conferir também o pré-show da Banda Paricarana, que esquentou o público para a atração principal da noite. De acordo com o Departamento de Cultura da universidade (DCULTE), o evento superou as expectativas da organização

do show e da própria banda, que esgotou o material promocional na primeira apresentação em Roraima.

“Eu já conhecia a banda desde a década de 80, apesar de não ter acompanhado a carreira deles. Ainda não tinha ido a um show da Blues Etílicos. Achei que o público participou efetivamente do show. A banda impressionou com as performances e apresentou muito carisma”, disse Márcio Ferreira, auxiliar em administração da UFRR.

A Blues Etílicos, a mais popular banda de blues brasileira, já recebeu o título de melhor banda no estilo blues pelo jornal “o Globo”. Recordista em público nos shows e em vendas de CDs no gênero, o grupo já lançou 10 álbuns, abrindo shows para B. B. King, Buddy Guy, Robert Cray, Sugar Blue, Ike Turner, Magic Slim e muitas outras atrações internacionais.

Confira mais imagens do show em www.ufrr.br !

